



UMA BREVE HISTÓRIA DOS CONSTITUINTES PROSÓDICOS

Juliana Escalier Ludwig Gayer¹

DOI: <http://doi.org/10.35520/diadorim.2015.v17n2a4074>

RESUMO

Neste trabalho, faremos uma breve retrospectiva de alguns trabalhos que se debruçaram sobre o tema dos constituintes prosódicos e apresentaremos a teoria que inova na representação das unidades fonológicas, a Fonologia Autossegmental, pois propõe uma forma não-linear de organização, e a teoria que deu origem ao estudo de um componente fonológico independente que pode se comunicar com qualquer outro componente da gramática, a Fonologia Prosódica. Além disso, apresentaremos os constituintes prosódicos considerados em Selkirk (1978; 1986) e Nespor e Vogel (1986) e a proposta da *hierarquia prosódica*. Dentre os constituintes propostos, focaremos no caso da delimitação da frase fonológica, constituinte mapeado a partir de informação sintática, e percorreremos ainda abordagens mais recentes sobre o tema, incluindo a relativização dos princípios da hierarquia prosódica e os questionamentos levantados em relação à universalidade dos constituintes que realmente compõem tal hierarquia.

PALAVRAS-CHAVE: Fonologia Prosódica; unidades fonológicas; universalidade.

ABSTRACT

In this paper, we will briefly review some studies that discuss the prosodic constituents and will present the theory that innovates the representation of phonological units, Autosegmental Phonology, once it proposes a non-linear form of organization, and the theory that introduces the study of an independent phonological component that can communicate with any other component of the grammar, Prosodic Phonology. In addition, we will also present the prosodic constituents considered in Selkirk (1978; 1986) and Nespor and Vogel (1986) and the proposal of the *prosodic hierarchy*. Among the constituents proposed, we will focus on the delimitation of phonological phrase, constituent mapped from syntactic information, and will show some recent approaches about the subject, including the relativization of the prosodic hierarchy prin-

¹ Professora do Departamento de Fundamentos para o Estudo das Letras da Universidade Federal da Bahia. Email: julianaludwig@yahoo.com.br.

cipling and the questions raised about the universality of the constituents that actually form such hierarchy.

KEYWORDS: Prosodic Phonology; phonological units; universality.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, seguindo as ideias de Kager e Zonneveld (1999), mostramos o desenvolvimento das teorias que se dedicaram ao estudo das unidades fonológicas ou prosódicas, todas de cunho gerativista. Nesse sentido, discutimos o surgimento e o desenvolvimento do modelo de gramática da Fonologia Prosódica e de seus constituintes, que, segundo a teoria, são mapeados a partir de informações de outros componentes da gramática. As ideias da Fonologia Autossegmental também são consideradas, já que trazem uma forma inovadora de se representarem as unidades fonológicas. Alguns autores (SELKIRK, 1978, 1986; NESPOR; VOGEL, 1986) afirmam que a organização dessas unidades deve obedecer aos princípios da *hierarquia prosódica* (Fonologia Prosódica); porém, ainda não há consenso a respeito de quais são os constituintes que realmente fazem parte desta hierarquia. O que sabemos é que o domínio que frequentemente se mostra importante para os fenômenos fonológicos como sândi externo e retração de acento, por exemplo, é a frase fonológica. Mas há questões descritivas relacionadas com o conceito de frase fonológica ainda a serem aprofundadas, já que esse conceito baseia-se em critérios sintáticos e, por isso, pode haver certa dúvida em sua delimitação, dependendo do entendimento por parte dos fonólogos da abordagem sintática adotada. Dessa forma, retomamos o tema da delimitação da frase fonológica em português seguindo as ideias de Selkirk (1986) e Nespor e Vogel (1986).

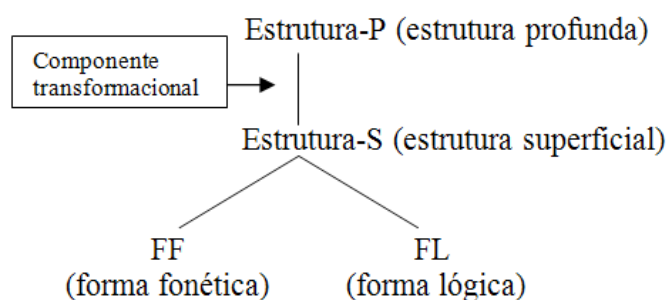
Por fim, como a hierarquia prosódica não é consenso, listamos alguns dos questionamentos levantados em relação à universalidade dos constituintes que realmente compõem tal hierarquia. Para resolver o dilema da existência ou não do constituinte grupo clítico, por exemplo, Ito e Mester (2008) propõem a *recursão prosódica*. Nesta proposta, todas as unidades que precisam ser consideradas além dos constituintes-base da hierarquia podem ser obtidas a partir da “adjunção” desses constituintes. Já Vigário (2010) propõe que não temos um grupo clítico mas sim um *grupo de palavra prosódica*, já que encontramos, nesse nível, combinações de palavras prosódicas e não necessariamente de clíticos e palavras.

Para retomar tais discussões, o trabalho foi dividido da seguinte forma: na seção 1, trazemos os modelos de gramática propostos pelo Gerativismo e pela Teoria da Fonologia Prosódica, indicando o lugar do componente fonológico e suas possibilidades de comunicação com os outros componentes da gramática; na seção 2, tratamos apenas do componente fonológico, detalhando os modelos não-lineares da Fonologia Autossegmental e da Fonologia Prosódica; apresentamos, na seção 3, como as unidades prosódicas são hierarquizadas de acordo com a Fonologia Prosódica; e discutimos com mais detalhes, na seção 4, o domínio que frequentemente se mostra importante para alguns fenômenos fonológicos do português brasileiro: a frase fonológica; por fim, na seção 5, os questionamentos levantados em relação à universalidade dos constituintes que realmente compõem a hierarquia prosódica são listados.

1. O modelo de gramática e o componente fonológico

A Fonologia enquanto componente da gramática que pode se comunicar com os outros componentes nasce com a proposta da Fonologia Prosódica de Nespor e Vogel (1986). O modelo de gramática que se tinha até o momento era o da gramática gerativa, também conhecido como modelo em T. A gramática deste modelo, que tem como principal componente a sintaxe, por ser o componente gerativo (no sentido de gerar novas sentenças ou representações), é formada ainda pelos componentes semântico (forma lógica) e fonológico (forma fonética), ambos com função interpretativa por apenas associarem as representações geradas pela sintaxe. Esse modelo de gramática se configura da seguinte forma:

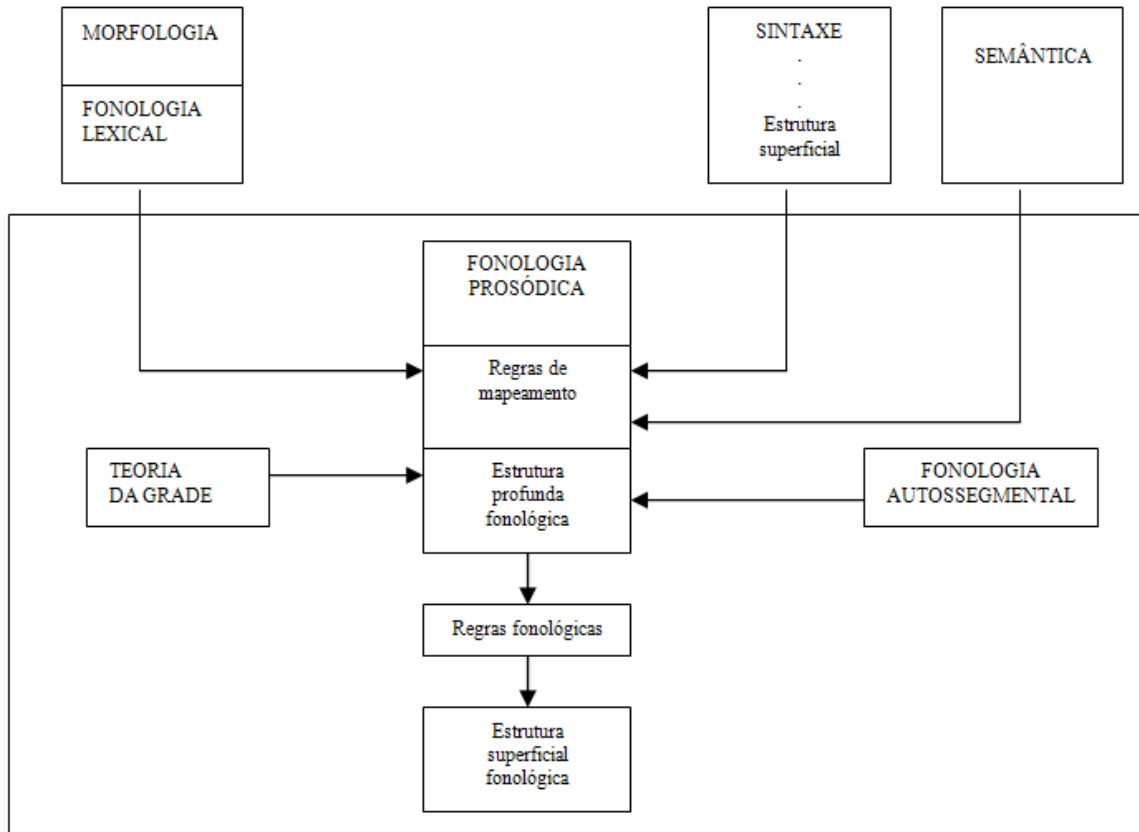
(1)



Os componentes da gramática gerativa em (1) são autônomos, mas percebemos no esquema que há a possibilidade de comunicação entre o componente sintático (estrutura profunda → estrutura superficial) e os componentes fonológico e semântico. Dessa forma, podemos dizer que o compartilhamento de algumas informações pode ocorrer, assim como podem surgir questões de interface entre um componente e outro (sintaxe-fonologia, por exemplo).

Nespor e Vogel (1986, p. 302), analisando o modelo de gramática em T, afirmam que ele é de certo modo fraco, já que a “estrutura superficial é o único *input* da fonologia e não permite interação direta entre o componente fonológico e os outros componentes da gramática”. Como essa interação é necessária para explicar os fenômenos que ocorrem em diversas línguas, as autoras propõem o seguinte modelo de interação entre a fonologia e os demais componentes:

(2)



Notamos, no esquema, que o componente da Fonologia Prosódica interage tanto com o componente sintático, como com os componentes morfológico e semântico. Nesse caso, o *input* da fonologia pode vir de qualquer um desses componentes. Mas, segundo Nespor e Vogel (2007, p. 5), “é precisamente o conjunto de regras de mapeamento que estabelece a interface entre a fonologia e os demais níveis da gramática, desde que as regras que definem os vários constituintes prosódicos façam uso de diferentes tipos de noções gramaticais para cada nível da hierarquia”. As regras de mapeamento, então, vão transformar esses *inputs* em constituintes prosódicos, que vão caracterizar a estrutura profunda fonológica. E as regras fonológicas, por sua vez, se aplicam a essa estrutura profunda, transformando-a em estrutura superficial fonológica.

Vejamos, a seguir, as principais ideias de algumas teorias consideradas nesse tipo de gramática.

Os modelos fonológicos não-lineares

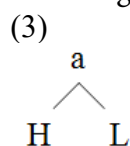
Vimos que o componente fonológico interage com os outros componentes da gramática a partir das regras de mapeamento, inseridas no escopo da Fonologia Prosódica. Esta teoria leva em consideração uma forma não-linear de se analisarem os sons da fala humana. Para os gerativistas, por exemplo, a fala humana era analisada como uma sequência de segmentos e supra-segmentos arranjados de forma linear uns após os outros. Essa visão foi sustentada por anos e deu conta de explicar vários fatos relacionados aos sons das línguas. Além disso, o modelo linear alcançou generalizações importantes ao propor que as regras fonológicas se aplicam a classes naturais, e não apenas a segmentos isolados. Essas considerações lançam subsídios para a criação dos modelos fonológicos não-lineares.

Quando se começa a analisar novas línguas, percebe-se que o poder explicativo dos modelos lineares perde força, principalmente no tocante a aspectos prosódicos. Dessa forma, os modelos não-lineares vão ganhando espaço. Nessa nova concepção, a análise da fala se dá a partir de segmentos hierarquicamente ordenados em sílabas, pés, palavras fonológicas, etc. A visão horizontal ou linear das teorias anteriores, então, passa a vertical e hierarquizada. São exemplos de teorias não-lineares a Fonologia Autossegmental, a Fonologia Prosódica, a Fonologia Métrica, a Fonologia Lexical, etc. Percebemos que todas as teorias têm espaço no modelo de gramática de Nespor e Vogel (1986). Para este trabalho, achamos interessante apresentarmos as principais ideias da Fonologia Autossegmental, que traz ferramentas para uma representação formal das unidades fonológicas, e da Fonologia Prosódica, foco desta discussão.

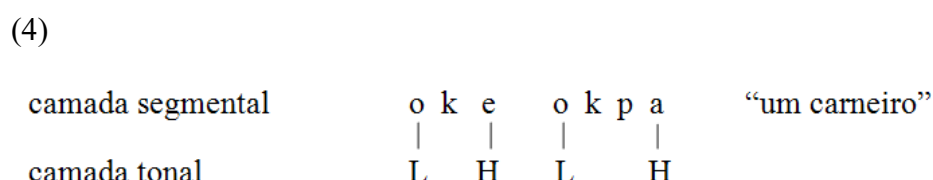
Fonologia Autossegmental

A Fonologia Autossegmental postula níveis organizados hierarquicamente, nos quais princípios gerais atuam e regras particulares se aplicam. Veremos o porquê de se considerarem essas postulações a seguir, principalmente as ideias de níveis organizados hierarquicamente e de certas regras atuando em cada um desses níveis.

Um dos precursores nos estudos da Fonologia Autossegmental foi Goldsmith (1976). Este autor encontrou línguas tonais em que o apagamento de um segmento não implicava necessariamente o apagamento do tom associado a ele. Dessa forma, parecia haver certa independência dos tons em relação aos segmentos aos quais se associavam. Para explicar esse fato, Goldsmith (1976) propõe que o tom é prosodicamente independente. Teríamos, então, os tons representados em uma camada (ou *tier*), e as vogais e as consoantes em outra. Esses tons seriam ligados aos segmentos por linhas de associação. Para se representar um tom decrescente /a/, por exemplo, precisaríamos da seguinte estrutura (GOLDSMITH, 1976, p. 23) (L – tom baixo; H – tom alto):



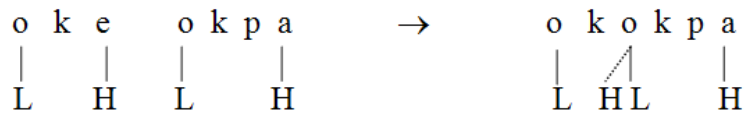
Levando em consideração a proposta de Goldsmith (1976), e para ilustrar o avanço na proposta representacional da Fonologia Autossegmental na análise do tom, Odden (2005, p. 306) apresenta dados da língua Yekhee, língua tonal falada na Nigéria, adaptados em (4).



Percebemos, em (4), duas camadas, a camada segmental, na qual os segmentos (vogais e consoantes) são representados, e a camada tonal, na qual encontramos os tons ligados às vogais. Essa representação em níveis se fez necessária já que alguns processos pareciam afetar elementos de um nível e não de outro. Quando uma vogal é apagada, como vimos, o tom antes associado a ela não necessariamente se perde. Para ilustrar, voltemos ao exemplo anterior (adaptado de ODD-

EN, 2005, p. 306).

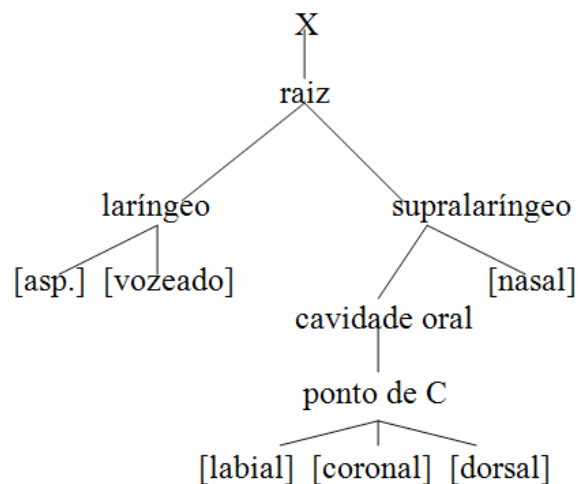
(5)



O que é atestado em Yekhee é que, quando duas vogais ficam adjacentes, a primeira é apagada. O apagamento dessa vogal não faz com que seu tom seja também apagado. O que se percebe é que o tom alto da vogal apagada se liga à vogal inicial da segunda palavra. Nota-se que uma representação linear das unidades fonológicas não poderia mais ser considerada. Se considerássemos o tom uma propriedade inerente dos segmentos, assim como previa a teoria gerativista clássica, o apagamento de uma vogal teria de implicar, necessariamente, o apagamento dessa propriedade.

A Fonologia Autossegmental, então, traz ferramentas para uma melhor representação formal das unidades fonológicas, considerando que os segmentos têm uma estrutura interna, mas que os elementos que constituem essa estrutura não estão limitados necessariamente a um segmento. Para essa teoria, há vários níveis de representação das unidades fonológicas, chamados *tiers*. Esses *tiers* são paralelos e independentes, e se associam em uma estrutura hierárquica complexa. Nessa perspectiva, descobriu-se que aquelas matrizes de traços, antes sem organização interna, têm seus traços organizados hierarquicamente, estrutura conhecida como Geometria de Traços (CLEMENTS, 1985). Um exemplo simplificado é apresentado por Collischonn (2007, p. 28) e repetido a seguir.²

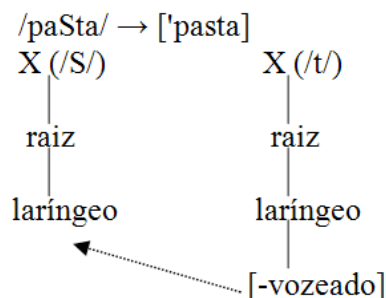
(6)



Essa hierarquia foi pensada para captar o fato de que certas regras fonológicas podem tanto manipular traços isolados quanto classes de traços, e ainda quais são esses traços que podem ser manipulados em conjunto. Por exemplo, uma regra pode operar apenas no *tier* do traço [nasal] ou no *tier* do nó laríngeo e, conseqüentemente, em todos os seus dominados. Collischonn (2007, p. 29) exemplifica essa questão com o processo de assimilação das fricativas em final de sílaba.

² Nessa proposta, os nós terminais correspondem a traços, e os nós intermediários a classes de traços. *Diadorim*, Rio de Janeiro, Revista 17 volume 2, p. 149-172, Dezembro 2015.

(7)



A partir da Geometria de Traços, consegue-se representar a assimilação do traço [vozeado] que ocorre nas fricativas alveolares em final de sílaba em relação à consoante seguinte, como em *pasta* e *rasga*. O que percebemos é que o que está em jogo, nesse caso, é o espraçamento do traço [vozeado] da consoante da segunda sílaba para a consoante final da primeira sílaba.

Vemos, então, que as ideias da Fonologia Autossegmental proporcionaram uma forma mais adequada de se representarem os processos fonológicos de assimilação, além de outros. Assim como a Fonologia Autossegmental, outras teorias fonológicas consideraram esse novo modelo de representação, conhecido como não-linear. A Fonologia Métrica, por exemplo, utiliza a noção de *tiers* para representar as proeminências relativas constitutivas da palavra, da frase, etc., com um modelo próprio, que é chamado de grade métrica. Já a Fonologia Prosódica considera a representação não-linear das unidades fonológicas maiores do que a sílaba.

Dessa forma, pode-se dizer que essas três teorias compreendem áreas da fonologia não-linear, mas cada uma delas tem seu foco em elementos fonológicos distintos. O modelo não-linear, então, propõe que, assim como exemplificamos com os traços, os autossegmentos e os segmentos, todas as outras unidades (ou constituintes) fonológicas estariam dispostas em uma estrutura hierárquica complexa, desde a menor unidade (traço) até a maior (enunciado). Vejamos agora quais são as unidades contempladas pela Fonologia Prosódica.

Fonologia Prosódica

A Fonologia Prosódica, assim como os outros modelos teóricos não-lineares, compartilha as ideias de níveis ordenados hierarquicamente e de regras específicas a cada um dos níveis. Trataremos da organização hierárquica das unidades prosódicas na próxima seção. Para esta seção, selecionamos as concepções da Fonologia Prosódica referentes aos constituintes prosódicos e às regras que fazem referência a esses constituintes, trazendo argumentos para que eles sejam efetivamente postulados pela teoria.

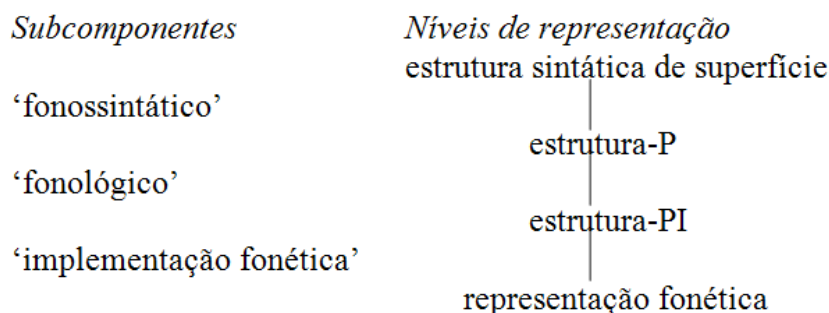
Segundo Frota (1994, p. 79),

as evidências para os constituintes fonológicos podem ser de três tipos: (i) segmentais (regras fonológicas que tomam constituintes fonológicos como o seu domínio de aplicação); (ii) duracionais (alongamentos em fronteira de constituinte); e (iii) entoacionais (tons associados a fronteiras de constituintes).

Vemos que os constituintes fonológicos podem ser domínios de ocorrência de processos fonológicos muito variados, não apenas segmentais, mas também duracionais e entoacionais. Isso atribui à Fonologia Prosódica um papel ainda mais central na fonologia.

De acordo com Selkirk (1978, 1986) e Nespor e Vogel (1986), como vimos no esquema apresentado em (2), o acesso à representação morfossintática se dá por intermédio da representação prosódica. A estrutura prosódica seria necessária, segundo Selkirk (1986), já que qualquer grade métrica é construída a partir da estrutura prosódica e não da estrutura sintática. Dessa forma, de acordo com essa visão, teríamos, entre a representação fonética e a estrutura sintática, níveis da estrutura prosódica, como vemos no esquema de Selkirk (1986, p. 375).

(8)



Esse esquema de Selkirk se assemelha ao proposto por Nespor e Vogel (1986), apresentado em (2), já que ambos consideram o componente prosódico fazendo a intermediação entre o componente sintático e o fonológico. Este componente prosódico, chamado por Selkirk de “estrutura-P”, seria constituído de níveis ou constituintes prosódicos de diferentes tipos, agrupados de forma hierárquica, cada um representando domínios de aplicação das regras fonológicas.

A ideia da Fonologia Prosódica é que as sentenças de uma língua são segmentadas pelo componente fonológico em constituintes prosódicos. Dessa forma, cada sentença é dividida desde a sílaba até o enunciado. Vejamos, então, cada um desses constituintes considerados pela Teoria da Fonologia Prosódica.

O primeiro constituinte prosódico proposto na literatura foi a *frase fonológica*. Segundo Kager e Zonneveld (1999), a inovação de Selkirk (1981) foi considerar a existência desse constituinte como domínio para alguns processos fonológicos (a retração de acento, por exemplo). Conforme a autora, os constituintes sintáticos (tendo como base a estrutura superficial) são mapeados em constituintes prosódicos a partir de regras, regras estas parecidas com as regras de reajustamento propostas para a análise de *liaison* em francês.

A regra para se mapear o constituinte frase fonológica levaria em conta, em um primeiro momento, cabeças lexicais (nomes, verbos, etc.). Além disso, o cabeça e todo o conteúdo que houver à sua esquerda devem permanecer em uma mesma frase fonológica. Para ilustrar, trazemos um exemplo adaptado de Kager e Zonneveld (1999, p. 12).

(9)

Estrut. sintática	[the absent-minded professor]NP	[has been avidly reading on Marcel Proust]VP
Estrut. prosódica	[the absent-minded professor]φ	[has been avidly reading]φ [on Marcel Proust]φ

Percebemos que não há total simetria entre os constituintes sintáticos e os prosódicos, já que, conforme Selkirk (1981), os constituintes prosódicos não são simplesmente cópias dos consti-

tuintes sintáticos. Por isso, há regras de mapeamento, as quais utilizam informações sintáticas, mas não têm um compromisso de manter o isomorfismo entre sintaxe e fonologia. Em (9), então, encontramos, na mesma sequência, dois sintagmas, do ponto de vista sintático, mas três frases fonológicas, do ponto de vista prosódico.

Frota (2000) considera também, além das propriedades sintáticas, propriedades estritamente fonológicas envolvidas no mapeamento da frase fonológica. Ao analisar dados do português europeu, Frota (2000, p. 359) afirma que, nesse mapeamento prosódico,

um conjunto limitado de propriedades sintáticas (por exemplo, os tipos de categoria sintática, ou a relação cabeça/complemento) determina a estrutura prosódica em conjunto com princípios prosódicos independentes (tais como os que regulam a formação das camadas prosódicas) e condições fonológicas adicionais (como considerações de peso [do constituinte]).³

A *frase entoacional* agrupa uma ou mais frases fonológicas a partir de informação sintática, informação esta mais geral do que a empregada para a definição da frase fonológica. Segundo Nespor e Vogel (1986), a frase entoacional é o domínio de um contorno de entoação e sua fronteira final coincide com posições em que se podem introduzir pausas em uma oração. Além de informação sintática, sua delimitação é influenciada por fatores semânticos relacionados à proeminência e à performance, como velocidade da fala e estilo, por exemplo. Algumas construções que podem formar domínios entoacionais, segundo as autoras, são: expressões parentéticas, orações com relativos explicativos, *tag questions*, vocativos, etc. O conjunto das frases entoacionais, então, vai formar um constituinte maior: o *enunciado fonológico*.

O enunciado fonológico é, segundo Nespor e Vogel (1986), o maior constituinte fonológico. É formado por uma ou mais frases entoacionais e geralmente coincide com o nó mais alto de uma árvore sintática (X^n). Prosodicamente, o enunciado fonológico indentifica-se pela proeminência relativa, a qual não é interpretada como um acento, como nas unidades menores, mas como uma proeminência que indica entoação final de oração.

Em relação aos constituintes menores do que a frase fonológica, alguns autores consideram a existência do *grupo clítico*. Esse constituinte é formado por uma palavra de conteúdo (ou lexical) e as palavras funcionais que a cercam. Hayes (1989), analisando a versificação do inglês, considera o grupo clítico um domínio independente para os processos fonológicos. Selkirk (1978, 1986), por outro lado, não acredita que o grupo clítico seja um domínio prosódico, pois a postulação de sua existência violaria um requisito da hierarquia prosódica. Retomaremos os argumentos da existência ou não desse constituinte mais adiante.

Além do grupo clítico, os outros constituintes prosódicos já não são influenciados pela sintaxe, por estarem ainda no nível lexical, nível de aplicação das regras morfológicas e fonológicas. Dessa forma, os constituintes que consideram o domínio da palavra e sua estrutura interna são *palavra prosódica*, *pé métrico* e *sílaba*. Começemos analisando este último.

A sílaba é a menor categoria prosódica. Isso quer dizer, segundo Nespor e Vogel (1986), que, apesar de ela ter seus constituintes internos, eles não têm papel na hierarquia prosódica. Segundo Collischonn (2005, p. 111),

3 Não entraremos em detalhes sobre essas propriedades estritamente fonológicas envolvidas no mapeamento prosódico, mas não podemos negar que elas representam um avanço dentro da teoria.

a silabação de uma sequência de segmentos é feita por meio de regras de criação de estrutura silábica: regra de formação do núcleo, regra de formação do ataque, regra de formação da coda. Estas regras são ordenadas entre si: primeiramente cria-se o núcleo, depois o ataque, depois a coda.

Algumas regras fonológicas têm como domínio a sílaba, o que explica a sua existência como constituinte prosódico. Conforme Collischonn (2007), uma delas é a regra de assimilação de nasal tautossilábica, em que o traço [+nasal] da consoante nasal pós-vocálica é assimilado pelos outros constituintes silábicos. Esse processo ocorre em formas como *gente*, *canto*, *samba*, etc. Segundo a autora,

a consoante nasal “passa” uma propriedade que é sua, a nasalidade, para a vogal. Provavelmente a nasalidade atinge também o ataque da sílaba, embora seja difícil verificar isso nitidamente. Mas esse espraiamento da nasalidade tem um limite: ele não atravessa para a sílaba anterior. Dizemos então que o domínio da assimilação tautossilábica é a sílaba (COLLISCHONN, 2007, p. 45).

O constituinte pé métrico é composto de uma ou mais sílabas, sendo uma delas, a sílaba acentuada, o cabeça do constituinte. A partir da segmentação das palavras em pés é que se dá a acentuação nas línguas. O português brasileiro, por exemplo, tem, na grande maioria dos casos, a formação de pés troqueus (HAYES, 1991) da direita para a esquerda, já que muitos dos vocábulos são paroxítonos. Esse tipo de pé é sempre binário (formado por duas sílabas) e tem proeminência à esquerda⁴. (No esquema, o asterisco representa uma sílaba acentuada, enquanto o ponto representa uma sílaba não-acentuada.)

(10) (* .) (* .)
 po te

 . (* .)
 pa re de

 (* .) (* .)
 di fe ren te

Quando a sílaba acentuada se encontra à direita, pés do tipo (. *) são formados, os quais são denominados iambos (HAYES, 1991).

Para completar a lista dos constituintes prosódicos propostos por Nespor e Vogel (1986), temos ainda de apresentar o constituinte palavra prosódica (ou fonológica). Identificamos uma palavra prosódica a partir de seu acento primário, ou seja, cada sequência provida de acento primário é considerada palavra do ponto de vista prosódico, e esse acento será seu cabeça.

Como o acento é o critério fundamental para a delimitação da palavra prosódica, não temos total correspondência entre palavras morfológicas e prosódicas. Por exemplo, há palavras morfológicas, como as conjunções, as preposições e alguns pronomes, que são monossílabos átonos. Já que eles não têm acento, não podem ser considerados palavras prosódicas.

4 Temos ainda os casos de acentuação a partir da formação de pés sensíveis ao peso silábico, mas não entraremos nesses detalhes neste trabalho.

Segundo Nespor e Vogel (2007, p. 142), quanto ao tamanho da palavra prosódica, duas são as possibilidades: “igual ou menor do que um elemento terminal de uma árvore sintática”. Normalmente, as sequências formadas por base mais sufixo(s) constituem uma palavra prosódica, pois apresentam apenas um acento primário, como “brasileiro”, “gerativismo”, etc., em que o acento geralmente cai sobre o sufixo. Porém, há prefixos que são considerados acentuados⁵. Estes prefixos, por receberem acento, formam sozinhos uma palavra prosódica; são os casos de (11a). Há também sufixos que formam um domínio de acento independente do da base, como vemos nos exemplos em (11b).

(11)

- a. ['prɛ]ω[ma'trikula]ω
 ['sɛmi]ω['novu]ω
- b. ['sɔ]ω['mente]ω
 ['ʃave]ω['zinha]ω

Percebemos, a partir desta breve apresentação das unidades consideradas pela Fonologia Prosódica, que a sílaba é a menor unidade e o enunciado fonológico a maior unidade de acordo com as autoras apresentadas. Além disso, vimos que o mapeamento dos constituintes fonológicos parte de informações morfossintáticas, mas são delimitados pelas regras de mapeamento, já no componente da Fonologia Prosódica.

É importante deixar claro que há ainda outras propostas. Selkirk (2009), por exemplo, propõe uma teoria que equipara constituintes sintáticos e prosódicos (*Match theory*). Ela considera, nesse caso, apenas três constituintes maiores do que o pé métrico, a saber: frase entoacional, frase fonológica e palavra prosódica. Estes constituintes seriam delimitados a partir de restrições universais violáveis.

O constituinte frase entoacional, por exemplo, seria delimitado pela restrição que pede correspondência/paridade deste constituinte com uma oração na estrutura sintática (*Match Clause*); a frase fonológica seria delimitada pela restrição que pede correspondência deste constituinte com um sintagma na estrutura sintática (*Match Phrase*); e a palavra prosódica seria delimitada pela restrição que pede correspondência deste constituinte com uma palavra na estrutura sintática (*Match Word*). Diferentemente da ideia de um componente fonológico autônomo, como vimos nas propostas anteriores, Selkirk (2009) considera, na interface entre sintaxe e fonologia, que os constituintes fonológicos maiores do que o pé métrico constituem o reflexo dos constituintes sintáticos.

Apesar de essas propostas trazerem formas diferentes de se mapearem as unidades fonológicas, elas convergem no sentido de considerarem que as unidades fonológicas estão organizadas de uma forma hierárquica do menor ao maior constituinte. Veremos, na próxima seção, como se dá a organização dessas unidades.

5 Segundo Schwindt (2001), são acentuados, no português brasileiro, os prefixos *auto-*, *contra-*, *extra-*, *hiper-*, *mono-*, *neo-*, *pseudo-*, *recém-*, *semi-*, *bi-*, *ex-*, *pan-*, *pós-*, *pré-*, etc.

A hierarquia prosódica

Vimos que os constituintes considerados pela Fonologia Prosódica têm seu domínio definido entre a sílaba e o enunciado fonológico (NESPOR; VOGEL, 1986). A Fonologia Prosódica propõe que todos esses constituintes são ordenados em uma relação do tipo dominante/dominado, ou seja, um constituinte maior domina o constituinte imediatamente inferior. Essa hierarquia de dominância (*hierarquia prosódica*) foi proposta por alguns autores (SELKIRK, 1978; 1986; NESPOR; VOGEL, 1986; dentre outros), mas ainda não atingimos um consenso em relação aos constituintes que realmente fazem parte dessa hierarquia.

Em relação aos constituintes que compõem a hierarquia prosódica, as propostas de Selkirk (1978, 1986) e de Nespore e Vogel (1986) diferenciam-se no que se refere à existência do grupo clítico. Vejamos as hierarquias propostas pelas autoras em (12):

(12) Selkirk (1978, 1986)	Nespor e Vogel (1986)
ENUNCIADO	ENUNCIADO
FRASE ENTOACIONAL	FRASE ENTOACIONAL
FRASE FONOLÓGICA	FRASE FONOLÓGICA
PALAVRA FONOLÓGICA	GRUPO CLÍTICO
PÉ	PALAVRA FONOLÓGICA
SÍLABA ⁶	PÉ
	SÍLABA

Percebemos que a hierarquia proposta por Nespore e Vogel (1986) é um pouco maior do que a proposta por Selkirk (1978, 1986). Essa diferença está no fato de a segunda hierarquia em (12) incluir o constituinte grupo clítico, e a primeira não. Discutiremos os argumentos das autoras para a existência ou não desse constituinte nas próximas seções. Além dessas hierarquias prosódicas, outras foram propostas. Selkirk (2009), por exemplo, já considera uma hierarquia de apenas cinco constituintes, pois, segundo a autora, a análise de dados do japonês demonstra que o enunciado fonológico parece não exercer papel na língua, o que faz com que esse constituinte não seja considerado universal.

De qualquer forma, até o presente momento, podemos pensar em uma hierarquia constituída de cinco elementos, os quais encontramos nas três propostas apresentadas. São eles:

- (13) **Hierarquia prosódica**
 Frase entoacional (I)
 Frase fonológica (ϕ)
 Palavra prosódica (ω)
 Pé (Σ)
 Sílaba (σ)

Essa hierarquia de constituintes fonológicos é regulada por princípios, os quais diferem dos princípios que regulam os constituintes sintáticos ou morfológicos.

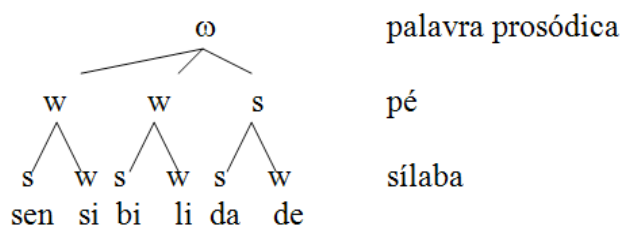
6 Outras categorias ou apenas variantes notacionais ainda foram propostas por outros autores, como, por exemplo, mora, frase máxima ou frase intermediária, frase mínima ou frase acentual e palavra mínima (ITO; MESTER, 2008a). Veremos algumas delas mais adiante.

(14) Princípios da hierarquia prosódica:

- i. uma unidade não-terminal dada na hierarquia prosódica, XP, é composta de uma ou mais unidades da categoria imediatamente mais baixa, XP-1;
 - ii. uma unidade de um determinado nível da hierarquia está exaustivamente contida na unidade hierarquicamente superior de que faz parte (princípios também conhecidos como *Strict Layering Hypothesis* – SLH);
 - iii. os constituintes da fonologia prosódica são estruturas n-árias;
 - iv. a relação de proeminência relativa definida para nós irmãos é tal que a um nó é atribuído o valor forte (s) e a todos os outros nós o valor fraco (w).
- (Adaptado de NESPOR; VOGEL, 1986, p. 7)

Nessa perspectiva, teríamos a palavra *sensibilidade* representada da seguinte forma:

(15)

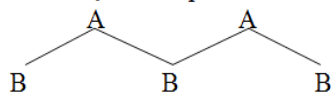


Segundo Truckenbrodt (2007), os princípios que regem a Teoria Prosódica dão conta de todos os níveis da hierarquia, ou seja, as estruturas prosódicas mais altas são organizadas pelos mesmos princípios das estruturas prosódicas mais baixas. Dessa forma, assim como a palavra prosódica, que é representada em (15), obedece aos princípios da hierarquia prosódica, todos os níveis da hierarquia, maiores e menores do que a palavra, também obedeceriam aos seus princípios.

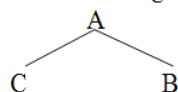
Os princípios i e ii de boa-formação que regulam a hierarquia prosódica excluem as seguintes estruturas arbóreas.

(16)

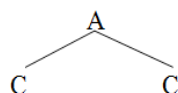
a. Dominação múltipla



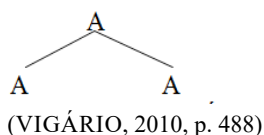
b. Irmãos heterogêneos



c. Salto de níveis



d. Recursão



Em Selkirk (1995), são exatamente esses aspectos que são relativizados, através da modificação de princípios em restrições ranqueáveis. A análise de Selkirk mantém alguns aspectos invioláveis, que podem ser considerados princípios. Ito e Mester (2009, p. 138) propõem um desdobramento interessante dos princípios apresentados em (14) que eles chamam de “Propriedades básicas das árvores prosódicas (bem formadas)”. Do ponto de vista da Teoria da Otimidade, estas propriedades, segundo os autores, não seriam violáveis, ou seja, estariam em GEN.

- (17)
- | | |
|-------------------------------------|---|
| a. <i>Enraizamento</i> ⁷ | Há precisamente um nó que domina todo outro nó. (Corresponde ao princípio i.) |
| b. <i>Ordem linear</i> | Os nós imediatamente dominados por um nó estão ordenados linearmente da esquerda para a direita. (É um desdobramento do princípio ii.) |
| c. <i>Não emaranhamento</i> | Para quaisquer nós x e y, se x precede y, então todos os nós dominados por x precedem todos os nós dominados por y. Isto exclui tanto cruzamento de linhas quanto inserção imprópria de colchetes (já que nódulos não podem preceder a si mesmos). |
| d. <i>Rotulagem</i> | Cada nó admite um rótulo, um elemento do conjunto ordenado $HP = \{ \upsilon > \iota > \phi > \omega > f > \sigma > \mu \}$, a hierarquia prosódica, cujos elementos encontram-se em uma relação de contenção, como indicado. (É um desdobramento do princípio i.) |
| e. <i>Contenção</i> | Cada relação de dominância imediata respeita a estrutura de contenção da hierarquia prosódica, no sentido de que elementos ranqueados mais abaixo não dominam imediatamente elementos ranqueados mais acima. (É um desdobramento do princípio i.) |
| f. <i>Encabeçamento</i> | Cada categoria prosódica (não-terminal) domina um cabeça, uma categoria prosódica do nível imediatamente inferior na hierarquia prosódica. (É uma reformulação do princípio iv.) |

Nota-se que, dos quatro princípios originais, Ito e Mester (2009) criam seis propriedades básicas para a boa-formação da representação prosódica. Os autores não usam o termo “princípio”, pois entendem que esse conjunto de propriedades exprime meramente o consenso a respeito das unidades prosódicas. Trata-se propriamente de propriedades das representações ou princípios estruturais primitivos, que, segundo McCarthy (2002, p. 8), podem estar em GEN. A diferença entre esses dois modelos, então, está na forma um pouco mais detalhada de Ito e Mester (2009) expressarem as propriedades da hierarquia prosódica.

O constituinte frase fonológica: mapeamento a partir da estrutura sintática

Um dos constituintes da hierarquia que frequentemente se mostra relevante para a análise de vários processos fonológicos, como, por exemplo, sândi externo, retração de acento, etc., é a

⁷ Os termos originais são *Rootedness*, *Linear order*, *No Tangling*, *Labeling*, *Containment* e *Headedness*. *Diadorim*, Rio de Janeiro, Revista 17 volume 2, p. 149-172, Dezembro 2015.

frase fonológica. Nesta seção, retomaremos com mais detalhes alguns conceitos já trabalhados para apresentar duas propostas de segmentação deste constituinte (SELKIRK, 1978, 1986; NESPOR; VOGEL, 1986).

Como vimos, a estrutura prosódica, no caso de constituintes prosódicos maiores do que a palavra, pode coincidir com a estrutura sintática, mas isto não é regra. Na realidade, elas não são isomórficas. Mas, em ambas as abordagens que veremos a seguir, parte-se da estrutura sintática para a segmentação dos constituintes prosódicos maiores. A forma como estas sentenças são segmentadas é que diferencia as duas abordagens.

Nespor e Vogel (1986) e Selkirk (1986) propõem formas diferentes de se mapearem sentenças em constituintes prosódicos. Primeiramente, Selkirk (1986) considera que, para uma teoria que leve em conta a relação entre sintaxe e fonologia, os constituintes pertinentes seriam aqueles que se encontram acima do pé métrico e abaixo da frase entoacional na hierarquia. Os constituintes sílaba e pé, por apresentarem domínios menores do que a palavra, não teriam sua estrutura determinada pela sintaxe. Já a frase entoacional, por estar sujeita a condições de ordem semântica, não é determinada pela estrutura sintática superficial. Na teoria da interface sintaxe-fonologia de Selkirk (1986), portanto, são considerados apenas os constituintes palavra e frase fonológica.⁸

De uma forma semelhante, Ito e Mester (2008) dividem as unidades prosódicas em dois grupos: categorias rítmicas (*rhythmic categories*) e categorias de interface (*interface categories*). O primeiro grupo compreende as unidades internas à palavra, como sílaba e pé (segundo os autores a mora também poderia entrar nesse grupo), as quais se relacionam mais à fonética e ao ritmo de fala. Já o segundo grupo compreende as unidades relacionadas à interface entre sintaxe/morfologia e fonologia, como palavra prosódica, frase fonológica e frase entoacional, as quais são reguladas por restrições de alinhamento ou outras.

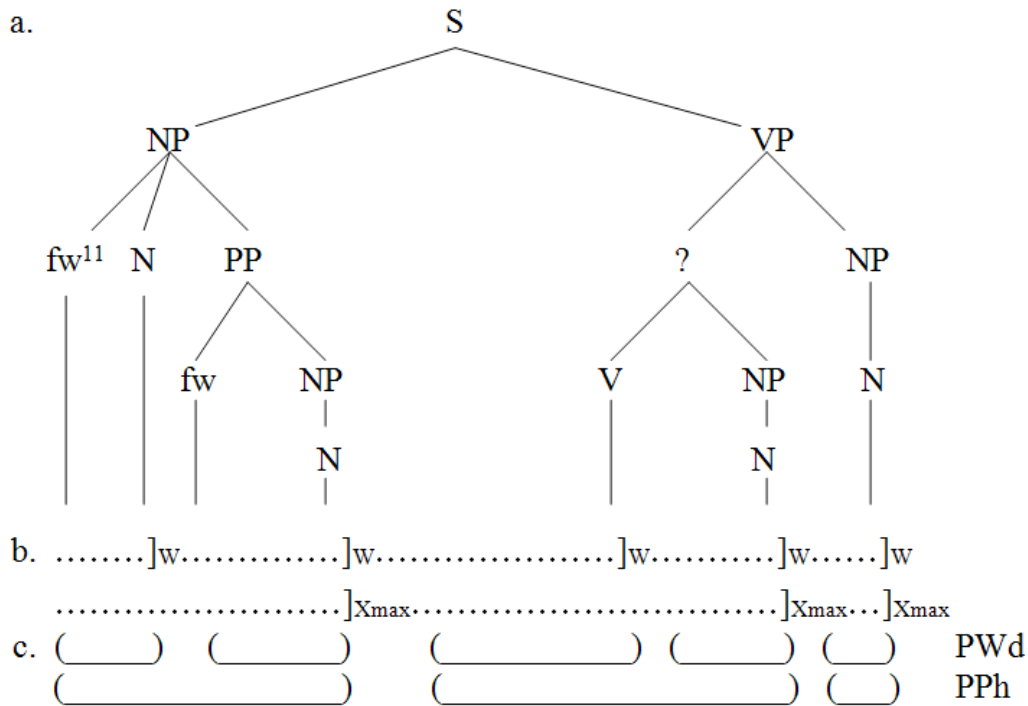
Voltando ao mapeamento das estruturas prosódicas consideradas pertinentes por Selkirk (1986) – ou seja, palavra prosódica e frase fonológica –, a autora considera que elas sejam derivadas da estrutura sintática, cuja representação é dada pela Teoria X-barras. Para esta teoria, todo constituinte sintático (ou sintagma) é construído a partir de um núcleo. Este núcleo, também chamado de *categoria mínima*, é representado por X e equivale a um item lexical: verbo (V), nome (N), adjetivo (A), etc. Dominando este núcleo, temos o nível X' (X linha) ou nível intermediário, o qual também domina os complementos do núcleo. Acima de todos estes níveis, temos a projeção máxima do sintagma ou XP. Dependendo da categoria do núcleo, a variável X vai sendo delimitada. Se o núcleo for um verbo, teremos a categoria VP; se for um nome, NP; e assim por diante.

Conforme Selkirk (1986), a relação entre a estrutura sintática e a estrutura prosódica é definida a partir das fronteiras finais dos constituintes sintáticos (*end-based theory*)⁹. Vejamos o esquema proposto pela autora.

8 Embora Selkirk (1986) aponte descontinuidades na hierarquia prosódica, no que se refere às condições que regem o mapeamento dos constituintes dos diversos níveis, a autora não nega a existência da própria hierarquia como postulado teórico.

9 Há duas abordagens que levam em conta a relação entre as estruturas sintática e prosódica: a baseada em limites (*end-based*), formulada em Selkirk (1986), e a baseada em relações (*relation based*). A abordagem *relation based* é formulada em Nespor e Vogel (1986) e considera a relação entre cabeça e complemento sintáticos no mapeamento prosódico.

(18)



(SELKIRK, 1986, p. 387)

Na linha *b*, apresentam-se as fronteiras finais (à direita) dos constituintes sintáticos que estão representados em *a*. Na linha *c*, são mapeados os constituintes prosódicos levando em conta os domínios estabelecidos pelas fronteiras em *b*. As palavras prosódicas (PWd, de *phonological word*), por exemplo, são definidas a partir do final dos núcleos lexicais. Já as frases fonológicas (PPh, de *phonological phrase*) são definidas a partir do final das projeções máximas (ou XPs). Vemos, no esquema, que Selkirk considera uma única palavra quando temos uma palavra funcional e uma palavra lexical. Ela afirma que as palavras funcionais não são palavras “reais”, por isso não formam um domínio W.

Pensando no mapeamento proposto por Selkirk, podemos mapear a sentença “faz o trabalho” da seguinte forma.

(19) [faz [o trabalho]_{NP}]_{VP}
 [faz o trabalho]_φ

Nestes exemplos, temos a fronteira direita da frase fonológica coincidindo com a fronteira final dos XPs (NP e VP), assim como prediz a projeção de fronteiras.

Na visão de Nespor e Vogel (1986), também precisamos de informação sintática no mapeamento da frase fonológica. A frase fonológica, segundo as autoras, é mapeada a partir de um algoritmo, o qual inclui os elementos de uma projeção máxima XP até o seu núcleo. O domínio da frase fonológica “consiste em um C [grupo clítico] que contém um cabeça lexical (X) e todos os Cs de seu lado não-recursivo até o C que contém outro cabeça fora da projeção máxima de X” (Nespor e Vogel, 2007, p. 168). Nessa perspectiva, pensando em dados do português, quando o adjetivo, por exemplo, estiver à esquerda do nome, dentro de XP, ele fará parte da mesma frase

fonológica que inclui X¹⁰. Porém, quando estiver à direita, ele pode funcionar como um núcleo de outro XP, formando uma frase fonológica por si mesmo. Para exemplificar essa questão, temos os exemplos em (20).

- (20) a. [uma menina]ϕ [inteligente]ϕ
 b. [uma inteligente menina]ϕ

Em (20a), o adjetivo está em uma posição não-marcada, isto é, à direita do núcleo. Nessa situação, o adjetivo *inteligente* pode formar uma frase fonológica sozinho. Em (20b), o adjetivo se encontra à esquerda (posição marcada em português), integrando, dessa forma, a mesma frase fonológica que o nome *menina*.

Nessa visão, a frase fonológica tem a possibilidade de reestruturação, isto é, é possível a união de duas frases fonológicas em uma quando a segunda for formada por um complemento não-ramificado, ou seja, formado por uma só palavra prosódica. Dessa maneira, as frases fonológicas [uma menina]ϕ [inteligente]ϕ poderiam ser reestruturadas para formar apenas uma frase: [uma menina inteligente]ϕ. Por essa proposta, uma vez reestruturadas as duas frases fonológicas em uma só, não haveria diferenças na relação entre *inteligente* e *menina*, por um lado, e *menina* e *inteligente* por outro, pois, em ambos os casos, as duas palavras prosódicas estariam no mesmo constituinte. Vejamos novamente o exemplo apresentado em (19) e repetido em (21).

- (21) a. [faz [o trabalho]_{NP}]_{VP}
 [faz o trabalho]ϕ
 b. [faz [o trabalho]_{NP}]_{VP}
 faz]ϕ o trabalho]ϕ

Na visão de Nespor e Vogel (1986), as duas análises em (21) são admitidas. Podemos ter a estrutura em (21b), formada por duas frases fonológicas, pois temos, da esquerda para a direita, um núcleo nominal formando uma frase e um núcleo verbal formando outra. A estrutura em (21a) seria também admitida, porque *o trabalho* é complemento do verbo *fazer*, e, por não ser ramificado, pode formar uma única frase com o verbo. O primeiro exemplo seria, então, a forma reestruturada do segundo.

Com esta breve apresentação, percebemos que as duas abordagens aproveitam material sintático no mapeamento da estrutura prosódica. A diferença entre elas está basicamente no papel que a última abordagem confere ao núcleo e que a primeira confere às fronteiras finais de XP.

Em relação ao constituinte frase fonológica, não há dúvidas sobre a sua existência, já que ela serve de domínio para alguns processos fonológicos, como a retração de acento, por exemplo, verificada em italiano (NESPOR; VOGEL, 1986) e no português brasileiro (GAYER; COLLISCHONN, 2007). Porém, a existência de outros constituintes ainda é questionada, e outras categorias foram sendo inseridas na hierarquia prosódica, como veremos na próxima seção.

10 Noção semelhante à proposta por Selkirk (1981).

Questionamentos à universalidade das unidades da hierarquia

Pensando na hierarquia prosódica listada em (13), acima, novas categorias foram sendo propostas para explicar a ocorrência de determinados processos nas línguas. Mas como a hipótese inicial da teoria é que essa hierarquia é universal, devemos encontrar todos os constituintes em todas as línguas. Um exemplo é a proposta de Nespor e Vogel (1986) de se incluir o constituinte grupo clítico na hierarquia. Como vimos em (12), as autoras assumem a existência do constituinte *grupo clítico*, locução formada pela combinação *clítico* + *palavra* ou *palavra* + *clítico*, propondo uma hierarquia de sete constituintes. O grupo clítico é constituído de uma palavra e um ou mais clíticos, como vemos em (22), exemplos do português retirados de Bisol (2005, p. 248).

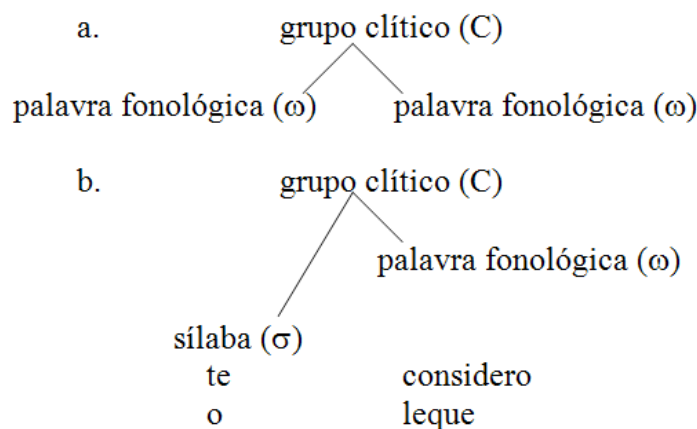
(22)

[[ti]ω[kõnsideru]ω]C
 [[mi]ω[levi]ω]C
 [[u]ω[leki]ω]C
 [[levi]ω[mi]ω]C

Nesses exemplos, o clítico também sofre a regra de neutralização da átona final, assim como ocorre nas palavras fonológicas, mostrando certa independência do clítico em relação à palavra adjacente. Dessa forma, para Bisol (2005), assim como para Nespor e Vogel (1986), o clítico acaba sendo uma palavra fonológica, mesmo não portando acento. A autora afirma “se ao invés da obrigatoriedade do acento, levarmos em conta que o vocábulo fonológico não pode ter mais do que um acento, então palavras destituídas de acento próprio podem entrar nesta categoria [a da palavra fonológica]” (BISOL, 2005, p. 248).

Selkirk (1978), por sua vez, acredita que o clítico não seria palavra fonológica e a existência de um constituinte formado por uma palavra com acento e outra sem acento, ou seja, por apenas uma palavra fonológica, violaria um dos princípios da hierarquia prosódica, conhecido como *Strict Layering Hypothesis* (SLH), que exige que um constituinte contenha estritamente constituintes de nível imediatamente inferior¹¹. Vejamos os exemplos em (23).

(23)



11 Na Teoria da Otimidade, essa relação de dominância é requerida pela restrição de Exaustividade. *Diadorim*, Rio de Janeiro, Revista 17 volume 2, p. 149-172, Dezembro 2015.

A estrutura em (23a) não violaria a SLH, já que temos um constituinte de um nível dominando constituintes de nível imediatamente inferior. Em (23b), por sua vez, o requisito é violado, já que temos o constituinte C dominando um constituinte imediatamente inferior (ω) e outro de nível ainda mais baixo (σ). Vemos, então, que há um salto de níveis neste caso.

Além do grupo clítico, outras categorias ou apenas variantes notacionais, pois trazem uma reinterpretação de níveis já considerados, foram propostas, como frase máxima (*major phrase*) ou frase intermediária (*intermediate phrase*), frase mínima (*minor phrase*) ou frase acentual (*accental phrase*) para dar conta de processos do japonês, e palavra mínima (*minor word*) para dar conta dos dados da língua cup'ik¹² (ITO; MESTER, 2008). Inclusive Selkirk (2003) considera que os constituintes *minor* e *major phonological phrase* estão universalmente presentes na hierarquia. Porém, apesar de todos esses níveis parecerem necessários pelo menos em algumas línguas para explicar a aplicação de processos em contextos menores ou maiores do que a frase fonológica e menores do que a palavra, Ito e Mester (2008) afirmam que podemos admitir uma hierarquia de apenas seis elementos, divididos em dois grupos.

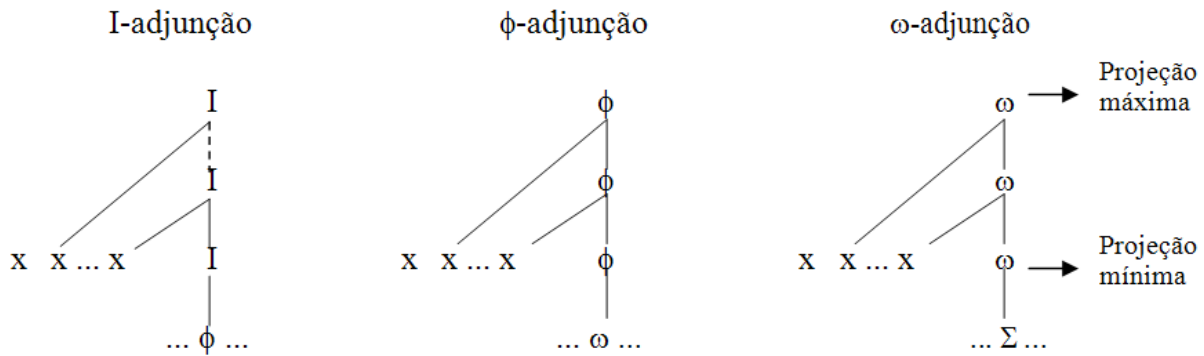
(24)	Frase entoacional Frase fonológica Palavra prosódica	Categorias de interface (unidades maiores)
	Pé Sílabas (Mora)	Categorias rítmicas (unidades internas à palavra)

Como já mencionamos, esses autores separam as unidades internas à palavra das unidades maiores, assim como os trabalhos anteriores. Segundo eles, a delimitação dos elementos que constituem o grupo das categorias rítmicas se dá sem maiores problemas. Talvez a única dúvida seria se a mora é um constituinte da hierarquia prosódica ou se faz parte dos constituintes da sílaba. Porém, a delimitação das unidades maiores do que a palavra não é tão tranquila assim. Truckenbrodt (2007) também afirma que temos muitas visões diferentes em relação à organização prosódica acima da palavra. Para ele, o nível mais bem estabelecido, nesse caso, é o da frase fonológica, a qual está relacionada aos XPs.

Pensando, então, na delimitação dos constituintes maiores do que a palavra, Ito e Mester (2008) partem da hierarquia apresentada em (24), considerando apenas três categorias de interface: palavra prosódica, frase fonológica e frase entoacional (categorias também consideradas na teoria proposta em Selkirk [2009] - *Match theory*). Além destas categorias, todas as unidades que precisassem ser consideradas seriam obtidas a partir da “adjunção” desses constituintes-base. A essa proposta de adjunção de categorias os autores dão o nome de *recursão prosódica*. Nessa recursão, teríamos estruturas como em (25).

12 Língua falada no Alasca.

(25)



(Adaptado de ITO; MESTER, 2008, p. 8)

Os autores esclarecem que, com a postulação da recursão prosódica, não precisamos mais incluir novos constituintes na hierarquia prosódica. Inclusive essa proposta dá conta de explicar os casos encontrados em japonês e na língua cup'ik sem ter de lançar mão de novas unidades. Nessa proposta, o enunciado e o grupo clítico, por exemplo, não seriam categorias prosódicas. O enunciado seria a projeção máxima da categoria frase entoacional; e o grupo clítico seria a projeção máxima da palavra, já que os clíticos estariam em sua projeção mínima.

Vigário (2010) rejeita a proposta da recursão prosódica¹³ por ela não ser uma propriedade fonológica, mas sintática. O constituinte prosódico que a autora propõe entre os níveis da palavra prosódica e da frase fonológica é o *grupo de palavra prosódica* (*prosodic word group* – PWG), visto que, neste nível, as combinações são de palavras prosódicas e não necessariamente de clíticos e palavras. Por essa razão, a autora chama de inapropriada a nomenclatura *grupo clítico*.

Para sustentar a sua hipótese, Vigário (2010) analisa a atribuição de acento nas construções compostas, em casos de estruturas recursivas e de um constituinte prosódico próprio. No caso das estruturas recursivas, segundo a autora, deve haver sempre uma coincidência do padrão acentual encontrado no nível da palavra prosódica e no nível da palavra recursiva, visto que os nós que compõem a construção recursiva devem ter as mesmas propriedades. Por outro lado, no caso de haver dois domínios prosódicos distintos, *palavra prosódica* e *grupo de palavra prosódica*, essa coincidência pode existir ou não, dependendo do padrão acentual da língua.

De acordo com Vigário (2010), muitas línguas apresentam um padrão acentual diferente nos dois níveis prosódicos, contrariando a proposta da recursão prosódica, como o turco, o inglês, o holandês, o sueco, etc. No turco, por exemplo, o acento recai na borda direita da palavra prosódica; porém, em compostos ou outras combinações de palavras, o acento principal é atribuído na primeira palavra prosódica, como vemos nos seguintes exemplos:

- (26) (kará)ω ‘preto’
 (deníz)ω ‘mar’
 ((kará)ω (deniz)ω) ‘Mar Negro’
 (VIGÁRIO, 2010, p. 516)

13 Vigário (2010, p. 491-492) rejeita a recursão prosódica equilibrada (*balanced*), definida como “quando um nó X domina dois constituintes do mesmo nível X” (p. 524), mas não rejeita a recursão prosódica *unbalanced*.

Percebemos, com estes exemplos, que a regra de acentuação que atua no nível da palavra prosódica é diferente da regra que atua no nível composto por mais de uma palavra, ou seja, no nível do *grupo de palavra prosódica*. A existência de duas regras de atribuição de acento, conforme Vigário (2010), é um argumento favorável à proposta de dois níveis prosódicos distintos.

Considerações finais

Propusemos, neste trabalho, uma breve retrospectiva do surgimento dos constituintes prosódicos e apresentamos um pouco do desenvolvimento das unidades fonológicas, especialmente da frase fonológica. Além disso, discutimos as questões relacionadas à própria ideia de hierarquia e seus desdobramentos recentes (ITO; MESTER, 2009; SELKIRK, 1995; 2003).

Iniciamos a discussão apresentando dois modelos de gramática e a importância do componente fonológico para cada um deles. No modelo de gramática gerativa, também conhecido como modelo em T, a sintaxe tem o papel central; por isso, a fonologia não é muito explorada. A única comunicação possível da fonologia é com a estrutura superficial sintática. Por esse motivo, Nespor e Vogel (1986) argumentam que esse modelo é fraco e propõem um novo modelo: o da Fonologia Prosódica. Neste novo modelo, o *input* da fonologia pode vir de qualquer um dos outros componentes da gramática: morfologia, sintaxe e semântica. A interface entre a fonologia e os outros componentes se dá, segundo as autoras, a partir de regras de mapeamento, que transformam a estrutura sintática ou morfológica em estrutura prosódica, já no componente fonológico.

Em relação às teorias deste componente fonológico, apresentamos as ideias da Fonologia Autossegmental e da Fonologia Prosódica, teorias conhecidas como não-lineares. Vimos que a Fonologia Autossegmental considera que os segmentos têm uma estrutura interna, que está organizada de uma forma hierárquica e que seus elementos constitutivos são independentes, podendo inclusive ser assimilados por outros segmentos da sequência. Essa forma de estruturação do segmento se desenvolve concomitante à representação de outras unidades fonológicas. A Fonologia Prosódica, por exemplo, considera a representação não-linear das unidades fonológicas maiores do que a sílaba, considerando cada constituinte como contexto de aplicação de regras fonológicas. Os constituintes considerados pela Fonologia Prosódica (NESPOR; VOGEL, 1986) são os seguintes: sílaba, pé, palavra fonológica, grupo clítico, frase fonológica, frase entoacional e enunciado.

Estes constituintes, segundo a teoria, estão ordenados hierarquicamente, estrutura conhecida como *hierarquia prosódica*, mas ainda não atingimos um consenso em relação aos constituintes que realmente fazem parte dessa hierarquia. Neste trabalho, apresentamos algumas propostas diferentes de hierarquia prosódica: Nespor e Vogel (1986), por exemplo, consideram a existência do constituinte grupo clítico, enquanto Selkirk (1978, 1986) não inclui este constituinte na hierarquia prosódica; Selkirk (2009) e Ito e Mester (2008) não incluem ainda o constituinte enunciado; etc.

Vimos que todos os níveis dessa hierarquia são regulados por princípios, os quais foram, posteriormente, modificados em restrições ranqueáveis (SELKIRK, 1995) e propriedades básicas para a boa-formação da representação prosódica, as quais não seriam violáveis, pois estariam em GEN (ITO; MESTER, 2009). Considerando todas as propostas relativas à boa formação das unidades prosódicas, podemos dizer que Ito e Mester (2009) trazem uma forma um pouco mais detalhada de apresentação das propriedades da hierarquia prosódica.

Dentre os constituintes que compõem a hierarquia prosódica, vimos que a frase fonológica frequentemente se mostra relevante para alguns processos fonológicos. Por essa razão, Truckenbrodt (2007) afirma que este nível é o mais bem estabelecido, no sentido de que não há dúvida em relação à sua existência. Mas como esse constituinte baseia-se em critérios sintáticos, o que pode gerar dúvida é a sua delimitação. Apresentamos, então, duas propostas de segmentação da frase fonológica: Selkirk (1986) e Nespor e Vogel (1986). Como ambas as propostas aproveitam material sintático no mapeamento da estrutura prosódica e podem chegar ao mesmo resultado, a diferença entre elas está basicamente no papel que a abordagem de Nespor e Vogel (1986) confere ao núcleo e a de Selkirk (1986) confere às fronteiras finais de XP.

Mas, apesar de não haver dúvida em relação à existência da frase fonológica, vimos que a proposta de outros constituintes não é tão tranquila assim, e alguns questionamentos em relação à universalidade das unidades da hierarquia foram levantados. Para resolver o dilema da existência ou não do constituinte grupo clítico, por exemplo, Ito e Mester (2008) propõem a *recursão prosódica*. Nesta proposta, todas as unidades que precisam ser consideradas além dos constituintes-base da hierarquia podem ser obtidas a partir da “adjunção” desses constituintes. Com a postulação da recursão prosódica, segundo os autores, não precisamos mais incluir novos constituintes na hierarquia prosódica. Já Vigário (2010) propõe que não temos um grupo clítico mas sim um *grupo de palavra prosódica*, já que encontramos, nesse nível, combinações de palavras prosódicas e não necessariamente de clíticos e palavras.

É importante frisar que os questionamentos em relação aos constituintes que fazem parte da hierarquia não cessam por aqui, pois ainda não temos um consenso em relação às unidades prosódicas e muitas discussões poderão ainda ser feitas. Mas acreditamos que esta breve retrospectiva será de grande ajuda para quem se interessa pelo tema ou pretende desenvolver algum trabalho na área.

Artigo recebido: 13/10/2015

Artigo aceito: 19/10/2015

Referências

BISOL, L. Os constituintes prosódicos. In: BISOL, L. (org.) *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 4ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. p. 243-255.

CLEMENTS, N. The geometry of phonological features. *Phonology Yearbook*, London, 2, 1985, p. 225-252.

COLLISCHONN, G. *A sílaba em português*. In: BISOL, L. (org.) *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 4ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. p. 101-130.

_____. *Fonologia do português brasileiro, da sílaba à frase*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007.

FROTA, S. Aspectos da prosódia do foco no português europeu. In: *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 29, n. 4, p. 77-99, dezembro de 1994.

_____. *Prosody and focus in European Portuguese. Phonological phrasing and intonation*. New York: Garland Publishing, 2000.

GAYER, J. E. L.; COLLISCHONN, G. Análise variacionista da resolução de choque de acento. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. Vol. 5, n. 9, agosto de 2007. Disponível em: www.revel.inf.br.

GOLDSMITH, J. *Autosegmental Phonology*. Tese (Doutorado, PhD). Cambridge, Mass.: MIT Press, 1976.

HAYES, B. *Metrical Stress Theory: principles and case studies*. Los Angeles, University of California, 1991 (ms.).

_____. The prosodic hierarchy in meter. In: KIPARSKY, P.; YOUMANS, G. (eds.) *Rhythm and Meter*. Phonetics and Phonology 1. Orlando: Academic Press, 1989, 201-260.

ITO, J.; MESTER, A. *Rhythmic and interface categories in prosody*. The 18th Japanese/Korean Linguistics Conference, November 13-15, The City University of New York, 2008.

_____. The extended prosodic word. In: Kabak, Baris, and Janet Grijzenhout, (eds.) *Phonological Domains. Universals and Deviations*. Berlin and New York: Mouton de Gruyter, 2009. p. 135-194.

KAGER, R.; ZONNEVELD, W. “Phrasal phonology: an introduction”. In: R. Kager & W. Zonneveld (eds.). *Phrasal Phonology*, 1-34. Nijmegen: Nijmegen University Press, 1999.

MCCARTHY, J. J. *A Thematic Guide to Optimality Theory*. New York: Cambridge University Press, 2002.

NESPOR, M.; VOGEL, I. *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris, 1986.

_____. *Prosodic Phonology: with a new foreword*. Berlim: Mouton de Gruyter, 2007.

ODDEN, D. *Introducing Phonology*. New York: Cambridge University Press, 2005.

SCHWINDT, L. C. O prefixo no português brasileiro: análise prosódica e lexical. *DELTA*, São Paulo, vol. 17, nº 2, 2001.

SELKIRK, E. On Clause and Intonational Phrase in Japanese: The Syntactic Grounding of Prosodic Constituent Structure. *LSJpapers Journals*. 136: 35-73, 2009.

_____. On derived domains in sentence phonology. *Phonology Yearbook* 3, 1986. p. 371-405.

_____. On prosodic structure and its relation to syntactic structure. In: T. Fretheim (ed.). *Nordic Prosody II*. Trondheim: TAPIR, 1978. p. 111-140.

_____. On the nature of phonological representation. In: ANDERSON, J.; LAVER; MEYERS, T. (eds.) *The Cognitive Representation of Speech*. Amsterdam: North-Holland, 1981.

_____. Sentence Phonology, *International Encyclopedia of Linguistics*, 2nd ed. Oxford University Press, 2003.

_____. The prosodic structure of function words. In: *Papers in Optimality Theory*. Editado por J. Beckman, L. Walsh Dickey e S. Urbanczyk. Amherst, MA: GLSA Publications, 1995. p. 439-470.

TRUCKENBRODT, H. The syntax-phonology interface. In: *The Cambridge Handbook of Phonology*. Ed. Paul de Lacy. New York: Cambridge University Press, 2007.

VIGÁRIO, M. Prosodic structure between the prosodic word and the phonological phrase: Recursive nodes or an independent domain? In: *The Linguistic Review* 27, p. 485-530, 2010.